



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

ANACELLY RAMOS PEREIRA DA SILVA

**O CORPO TRANS NO FILME ALICE JÚNIOR: HORIZONTES REFLEXIVOS E
DIDÁTICOS PARA O ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA**

**CAMPINA GRANDE
2023**

ANACELLY RAMOS PEREIRA DA SILVA

**O CORPO TRANS NO FILME ALICE JÚNIOR: HORIZONTES REFLEXIVOS E
DIDÁTICOS PARA O ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física Escolar da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Pós-graduando (a) em Educação Física Escolar.

Área de concentração: Estudos Socioculturais.

Orientador: Prof. Me. Daniel Batista Santana

**CAMPINA GRANDE
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586c Silva, Anacelly Ramos Pereira da.
O copo trans no filme Alice Júnior [manuscrito] : horizontes reflexivos e didáticos para ensino da Educação Física / Anacelly Ramos Pereira da Silva. - 2023.
49 p. : il. colorido.

Digitado.

Monografia (Especialização em Educação Física Escolar) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2023.

"Orientação : Prof. Me. Daniel Batista Santana ,
Coordenação do Curso de Especialização em Educação Física Escolar. "

1. Educação Física escolar. 2. Transexualidade. 3. Prática pedagógica. I. Título

21. ed. CDD 372.86

ANACELLY RAMOS PEREIRA DA SILVA

O CORPO TRANS NO FILME ALICE JÚNIOR: HORIZONTES REFLEXIVOS E
DIDÁTICOS PARA O ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física Escolar da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Pós-graduando (a) em Educação Física Escolar.

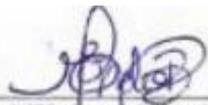
Área de concentração: Estudos Socioculturais.

Aprovada em: 19/05/2023.

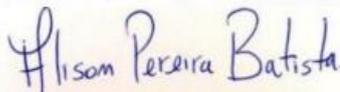
BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Daniel Batista Santana (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (DEF/CCBS/UEPB)



Prof. Dr^a Elaine Melo-de Brito Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Alison Pereira Batista
Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN)

AGRADECIMENTOS

Agradecer a Nossa Senhora, em primeiro lugar, que me ajuda e me conduz, dando força para suportar as adversidades da vida.

Ao professor Daniel Santana, que não só acreditou nessa ideia como a tornou maior do que eu imaginava.

Ao meu irmão Anthony e minha cunhada Cinthia, que me presentearam com Helena, a responsável por nos fortalecer e fazer reacender a vontade de vencer.

Aos meus pais, eternos incentivadores, que não deixam os meus sonhos adormecerem.

Por fim, mas não menos importante, agradeço aos professores que passaram por mim durante essa especialização, por todo o conhecimento passado e por compartilharem um pouco sobre essa jornada tão árdua que é ensinar.

“Não importa o que você é, mas quem. E para chegar a essa conclusão a gente precisa se deixar (trans)bordar. Vocês me conhecem por Alice Júnior, sou trans e osso duro de roer. E você, quem é?”

(ALICE, Júnior. Direção: Gil Baroni, 2019).

RESUMO

A pesquisa tem como o objetivo analisar a obra cinematográfica “Alice Junior”, à luz da linguagem dialógica de Bakhtin, a fim de realizar encaminhamentos didáticos reflexivos para as aulas de Educação Física e para os (as) professores (as), justificando-se pelo entendimento de que as produções a respeito dessa temática são bem escassas. Sobre esses aspectos, existem no corpo da pesquisa as contribuições de Bakhtin e seu Círculo, além de Rojo e Moura (2019), que discutem a pedagogia dos multiletramentos e vão ao encontro da dimensão sensível e ideológica (BAKHTIN, 2010; VOLÓCHINOV, 2018). Quanto a metodologia, é um trabalho de natureza qualitativa e de abordagem documental. O estudo recorreu ao filme Alice Júnior (2019), selecionando cenas que causariam uma maior aproximação com os alunos do ensino médio e para analisá-las, faz-se uso da verbo-visualidade. Por fim, é apresentada uma proposta didática aberta, visando que a mesma possa servir como base para que os professores não deixem o corpo trans de fora das reflexões em sala de aula e da Educação Física Escolar. Também cabe mencionar que o trabalho pedagógico, a partir dessa análise, leva o leitor a compreender o transgênero através de um outro prisma, pois exige o reconhecimento da Educação Física Escolar como espaço de reflexão e não apenas como reprodutor de práticas nas quais o corpo se faz presente superficialmente.

Palavras-Chave: educação física; corpo; trans; filme.

ABSTRACT

The research aims to analyze the cinematographic work Alice Junior in the light of Bakhtin's dialogical language, in order to carry out reflective didactic referrals for Physical Education classes and for teachers, justifying itself by the understanding of that the productions on this theme are very scarce. On these aspects, there are in the body of research the contributions of Bakhtin and his Circle, in addition to Rojo and Moura (2019), who discuss the pedagogy of multiliteracies and go against the sensitive and ideological dimension (BAKHTIN, 2010; VOLÓCHINOV, 2018) . As for methodology, it is a work of a qualitative nature and a documental approach. The study resorted to the film Alice Júnior (2019), selecting scenes that would cause a greater approximation with high school students and to analyze them, the same uses verb-visuality. Finally, an open didactic proposal is presented, aiming that it can serve as a basis for teachers not to leave the trans body out of reflections in the classroom and in Physical Education at School. It is also worth mentioning that the pedagogical work based on this analysis leads the reader to understand the transgender through another prism, as it requires the recognition of School Physical Education as a space for reflection and not just as a reproducer of practices in which the body is made. superficially presente.

Keywords: physical education; body; trans; Film.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Seleção do filme.....	20
Quadro 2 – Cenas do filme analisadas.....	21

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
2.1	Corpo/trans como conteúdo da Educação Física no Ensino Médio.	12
2.2	Mídia e Educação.	14
2.3	O filme enquanto proposta didático-pedagógica: Os fios ideológicos presentes na relação autor/obra e público.	16
3	METODOLOGIA	18
3.1	Natureza da pesquisa	18
3.2	Procedimento de seleção do filme	18
3.3	Sobre o Corpus de Análise da Pesquisa	20
3.4	Sobre as Categorias e a perspectiva de Análise	22
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	23
4.1	Contextualizando a Obra Alice Júnior (2019)	23
4.2	(Trans)formação hormonal e a relação com a Educação Física Escolar	24
4.3	Espaços escolares, professores/professoras e alunos/alunas como possíveis reforçadores de preconceitos	27
4.4	A (trans)formação da/em cena: Reivindicando direitos e formas de ser/estar no mundo	36
4.5	Proposta didática como possibilidade de intervenção	38
4.6	Organização da proposta didática	39
5	CONCLUSÃO	43
	REFERÊNCIAS	46

1 INTRODUÇÃO

Para Hall (1997), todo ser humano transmite e produz cultura. A última, por sua vez, é plural e faz com que tenhamos acesso a uma grande diversidade de valores, religiões, maneiras de pensar, agir, ou seja, diversidade cultural.

Durante a adolescência, o nosso corpo encontra-se no centro dessa diversidade, é um período de grandes conflitos, psicológicos, físicos e/ou socioculturais, onde a autoafirmação desse jovem na sociedade, sua independência e a crescente liberdade estão em evidência.

É inegável que a escola é o principal cenário de todas essas mudanças, pois, além de envolver uma gama de pessoas, com características diferenciadas, inclui um número significativo de interações contínuas que contribuem para o desenvolvimento dos alunos. Trata-se de um ambiente multicultural que abrange também a construção de laços afetivos e preparo para inserção na sociedade (OLIVEIRA, 2000).

Ainda por esta ótica, é preciso lembrar que é também na instituição escolar que convivemos com corpos “diferentes” e a esses chamamos de “corpos marcados” ou que carregam o “marcador social da diferença” que para Zamboni (2014), tais termos nada mais são do que um campo das ciências sociais que têm como objetivo debater sobre como são constituídas socialmente as desigualdades e hierarquias entre os indivíduos, assim como a maneira que as mesmas operam na vida social, produzindo e reproduzindo a diferença.

A título de exemplo de corpos marcados, se pode citar o corpo trans. As pessoas que fogem da normatividade do cisgênero¹, e a relação colocada como natural entre o sexo que lhe foi atribuído durante o nascimento e a construção social que remete ao mesmo, acaba por ser designado como “transgênero” (JESUS, 2012). Segundo Butler (2010), esse gênero é construído culturalmente, ou seja, não é uma construção social, bem como não é uma consequência do sexo.

Assim, para Butler (2010), o corpo nada tem de neutro, o mesmo se coloca no centro dos interesses das instituições sociais - como a própria escola - enquanto o gênero é produzido e vigiado pelas mesmas instituições, precisando seguir as normas para alcançar um padrão desejado.

Logo, não se pode deixar as diversas questões que envolvem o corpo fora do chão da escola, o que infelizmente ainda acontece. Louro (2000, p. 60) afirma que os professores

¹ De acordo com Stryker (2008); Sanger (2010) o cisgênero, ou cis, faz referência as pessoas para as quais coincidem o sexo de nascença e a identificação de gênero que lhe é atribuída

entram em sala de aula como se apenas a mente estivesse presente, como se fossem “espíritos descorporificados” ignorando completamente os corpos. Diante disto, a exploração da temática do corpo por parte dos professores deve acontecer de forma mais ampla, fugindo das concepções das quais o corpo, nada mais é, do que um objeto.

De acordo com O Globo (2023), uma pesquisa feita pela ANTRA², aponta que no ano de 2022 houve uma queda no número de assassinatos de pessoas trans se comparado ao ano de 2021, onde 140 pessoas foram mortas, 9 a mais que no ano seguinte, apresentando uma queda de 6%. “Entre os anos de 2017 e 2022, período em que a ANTRA realiza essa pesquisa, foi constatado um total de 912 assassinatos de pessoas trans e não binárias, sendo 2017 o ano com maior número na série histórica, com 179 assassinatos”.

Por mais que se esteja caminhando a passos largos em direção a avanços, sabemos que nosso país ainda é composto de uma sociedade machista e heteronormativa e instituições que poderiam facilitar o processo, acabam por muitas vezes reproduzir as desigualdades simplesmente por não as discutirem.

Entende-se que as vivências na escola ou fora dela também marcam o corpo e seu processo de (auto) conhecimento. Partindo desse contexto, o presente estudo tem como objetivo geral analisar a obra cinematográfica Alice Junior à luz da linguagem dialógica de Bakhtin, a fim de realizar encaminhamentos didáticos reflexivos para as aulas de Educação Física e para os (as) professores (as). Para que esta análise possa acontecer, a obra cinematográfica estará associada a alguns comentários deixados por internautas no trailer do filme³ – disponível na plataforma YouTube – juntamente com a biografia do diretor⁴. Além disso, o estudo materializa esses desdobramentos em uma proposta didática aberta que tem potencial de auxiliar os (as) professores (as) de Educação Física.

O filme escolhido encarna a vivência de uma protagonista trans no contexto escolar e fora dele, para que a partir da análise do mesmo seja possível identificar em seu enredo cenas que revelam e retratam situações vividas unicamente por a mesma estar na condição de mulher trans, sem deixar de fora o seu processo de “transição” e a sua relação com o corpo biológico e o corpo cultural. Todas essas questões serão discutidas nas aulas Educação Física por meio de uma proposta didática que carrega essas mídias citadas anteriormente como instrumento de educação, de maneira que alunos possam repensar atitudes práticas para coibir

² Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil

³ OLHAR. Alice Júnior Trailer Oficial. YouTube, 28 de agosto 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QCAW9sGxNhU>>.

⁴ BIOGRAFIA Gil Baroni, Papo de Cinema. 2016. Disponível em: <<https://www.papodecinema.com.br/artistas/gil-baroni/>>.

a reprodução de preconceitos que assolam essa comunidade que é historicamente marginalizada e perseguida, devido à crença na sua anormalidade.

Movimentos sociais que buscam a igualdade para todos, como o LGBTQIAP+⁵ vêm lutando incansavelmente para reparar os preconceitos e crimes sofridos pela população trans e este trabalho acredita que a escola sendo uma instituição formadora que possui um ambiente multicultural, pode ser vitrine para discutir questões políticas, econômicas e sociais. Sendo assim, colaboramos com essas discussões a partir da elaboração de uma proposta didática que carrega como eixo central o transgênero, temática ausente tanto nas pesquisas como nos materiais didáticos disponibilizados para os professores. Além disso, de forma singular, a escrita do trabalho, foi motivada pela minha inquietude quanto professora/pesquisadora com a chegada de um aluno trans na escola onde atuo, ao ver de perto a angústia dos meus colegas de profissão e os diversos questionamentos levantados sobre como lidar com aquele corpo.

A pesquisa apresenta as seguintes questões de estudo:

- 1. Como a Educação Física pode contribuir para a não marginalização dos corpos dentro do ambiente escolar?*
- 2. Quais os desdobramentos reflexivos que a obra cinematográfica escolhida (Alice Júnior) pode vir a tensionar nas aulas de Educação Física no Ensino Médio?*

⁵ LGBTQIAP+ é uma sigla utilizada para se referir à comunidade de lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queers, intersexos, assexuais, pansexuais e demais orientações sexuais e identidades de gênero que são diferentes tipos de orientações sexuais e identidades de gênero.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Corpo/trans como conteúdo da Educação Física no Ensino Médio.

A Lei de Diretrizes e Base (LDB) coloca em seu Art. 35º Inciso III “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”⁶. Sendo assim, entende-se que a “missão” do professor / professora durante esse período do ensino é contribuir e direcionar os seus alunos e alunas para o tipo de sujeito que se quer formar.

Já quando falamos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (2018), documento que precisou acompanhar a reforma do Novo Ensino Médio, que teve início com a Medida Provisória 746/16, um marco na educação nacional, pois entre as suas diversas propostas prezou pela separação no currículo entre formação básica comum e itinerários formativos. Tal medida acabou por gerar um enfraquecimento da educação básica afirmada pela LDB desde 1996. Além disso, o fato dos estudantes poderem negar as disciplinas de Filosofia, Sociologia, Artes e Educação Física, acarretam grandes perdas de conhecimentos.

Silva (2018) afirma que entre as 11 audiências públicas que envolviam essa temática, a Medida Provisória 746/16 torna-se Lei 13.415/17, definindo a carga horária mínima do ensino médio em 3.000 horas, acrescentando as áreas do conhecimento o termo “e suas tecnologias” e realocando algumas disciplinas:

[...]a polêmica em torno de Filosofia, Sociologia, Artes e Educação Física foi “resolvida” por meio de sua presença obrigatória na forma de “estudos e práticas”; que caberá à União estabelecer padrões de desempenho dos concluintes do ensino médio, compondo referência dos processos nacionais de avaliação a partir da Base Nacional Comum Curricular; os itinerários formativos serão ofertados em conformidade com as “possibilidades dos sistemas de ensino” sem assegurar, portanto, a tão proclamada escolha e protagonismo dos estudantes (SILVA, 2018, p.5).

Logo, permanece como determinação da Lei 13.415/17 que “o currículo do ensino médio será composto pela Base Nacional Comum Curricular e por itinerários formativos” e que a primeira definirá direitos e objetivos de aprendizagem. Sendo assim, a BNCC coloca conteúdos mínimos para o ensino médio.

De forma mais específica, voltando os olhos para a Educação Física escolar, o documento faz direcionamentos acerca de práticas corporais que devem promover a reflexão.

⁶ BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996. BRASIL. Disponível em: <https://www.dca.fee.unicamp.br/~leopini/consu/reformauniversitaria/ldb.htm>. Acesso em: 22/11/2022.

[...] Essa reflexão sobre as vivências também contribuem para a formação de sujeitos que possam analisar e transformar suas práticas corporais, tomando e sustentando decisões éticas, conscientes e reflexivas em defesa dos direitos humanos e dos valores democráticos (BRASIL, 2018, p. 486).

Por essa perspectiva, é necessário trazermos o corpo como um conteúdo, não mais como instrumento, mas como protagonista, pois este carrega consigo as vivências, as histórias e a realidade de cada aluno. Dialogando com Goellner (2008, p. 28), “um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno”. No campo biológico, o corpo carrega signos capazes de distingui-lo de forma imediata através de seus significados para que o sujeito seja enquadrado quanto ao seu gênero, etnia, sexualidade. Assim, não pretendemos reconhecer a identidade de forma determinista, sem problematizar esses marcadores sociais.

O campo da cultura é definido a partir das vivências do sujeito que, por meio dos marcadores sociais que carrega, torna-o distinto dos demais. Vale salientar que, de acordo com o momento vivido dessa cultura, os significados desses marcadores podem se modificar. Por isso, é preciso levarmos em consideração aspectos históricos e sociais relacionados à hierarquia e à disputa sobre qual característica tem maior valor. Connell (1991:352) afirma que o corpo nunca está fora da história e a história nunca está livre da presença do corpo e de seus efeitos. As dicotomias tradicionais subjacentes ao reducionismo agora têm que ser substituídas por uma explicação mais adequada e complexa das relações sociais nas quais essa incorporação e interação ocorrem.

O que o corpo vive, experimenta, recebe do outro no cotidiano, seja na família, escola, trabalho ou rua, compõem a sua existência. Portanto, as pessoas, as instituições e a Educação Física participam da formação do indivíduo de diferentes formas. Entretanto dentro da própria Educação Física, no Brasil, temas que tangenciam esse corpo, são tidos como marginais ou problemáticos, sendo debatidos apenas em teoria e com menor frequência (PEREIRA; SILVA, 2019).

A comunidade LGBTQIAP+ é rapidamente lembrada quando se fala do termo “diversidade”, que se faz presente nos principais documentos oficiais relacionados a educação e a saúde. Por outro lado, as pesquisas sobre essa população não são frequentes na Educação Física que, infelizmente, em sua maioria, ainda vê as questões do gênero por uma ótica apenas anatomofisiológica e acaba por deixar lacunas quando se trata das demandas desta comunidade contribuindo assim, para a vulnerabilidade e violência que historicamente acompanham os corpos que fogem do cisgênero.

A análise no estudo de Kennedy (2008) faz apontamentos para os dados obtidos de forma online. Os dados apontam que a idade média em que as pessoas trans “tomam consciência” que são transgênero é de aproximadamente 8 anos de idade, ou seja, ainda no Ensino Fundamental anos iniciais. Partindo desse ponto, uma nova pesquisa produziu uma análise estatística, assim como os sentimentos dessas crianças, sobre o que estava acontecendo. A coleta dos dados durou de 12 de outubro a 19 de outubro de 2009 e foi feita de forma online, para que as pessoas transgênero dos Reino Unido pudessem contribuir.

Entre as falas, quando questionados sobre as suas primeiras memórias, um ponto bem comum era “Deus cometeu um erro”, outros colocavam que “Eu costumava chorar até dormir, desejando que eu acordasse como uma menina de cerca de 7 anos de idade”. Em falas como essa é possível identificar rapidamente que essas crianças estavam internalizando a ideia que o problema eram elas.

Um outro participante descreve a primeira experiência no ambiente escolar: “Foi o meu primeiro dia na escola e mandaram os meninos fazerem fila à direita e as meninas fazerem fila à esquerda. Eu fui para a esquerda, mas ‘eles’ me mandaram para a fila da direita. Eu me lembro de ter chorado o dia todo porque “eles” entenderam errado”.

Essa forte ligação emocional com o ocorrido, confirma que a escola marca profundamente os indivíduos de forma geral, seja aqueles que carregam a “marca” do corpo trans, deixando cicatrizes para toda a vida, ou ainda aqueles que estão no convívio e que, pela ausência de conhecimento acabam por lançar um olhar de estranheza, unicamente por ser diferente do habitual. Sendo assim, para além do contato com a diversidade, se faz necessário a reflexão e a discussão, a fim da construção de um ambiente para todos onde não haja hierarquia e/ou marginalização dos corpos.

2.2 Mídia e Educação

É inegável que a nossa sociedade vem modificando a forma de se comunicar, a “tela” está ligada diretamente a nossa rotina, aplicativos e plataformas têm sido desenvolvidas tanto para facilitar como para tornar o acesso as mídias que antes eram extremamente inacessíveis, mais democráticas, a exemplo das plataformas de filmes.

Esse processo de consumo tecnológico chama a atenção principalmente das crianças e adolescentes, se fazendo necessário interligar as mídias com a própria Educação Física que durante esse processo de mudança vem passando por uma constante reflexão sobre as suas

práticas corporais a começar pelos jogos digitais. Sobre essa temática, Martín-Barbero (2014, p. 66) afirma que:

A revolução tecnológica que vivemos não afeta apenas individualmente a cada um dos meios, mas produz transformações transversais que se evidenciam na emergência de um ecossistema educativo conformado não só por novas máquinas ou meios, mas por novas linguagens, escritas e saberes.

Dialogando com o autor, entendemos que essas mídias colaboram também para a construção de uma nova ferramenta educacional, a Pedagogia dos Multiletramentos. Sabendo que a Educação Física se apresenta no campo das linguagens dentro do documento da BNCC, o seu posicionamento torna-se ainda mais copioso a essa ferramenta pedagógica.

Rojo (2012) defende que este conceito - pedagogia dos multiletramentos - faz apontamentos, principalmente, para a questão da diversidade tão presente na nossa sociedade. Segundo a autora, a proposta didática assegurada em critérios de análise crítica é "de grande interesse imediato e condiz com os princípios de pluralidade cultural e de diversidade de linguagens envolvidas no conceito de multiletramentos" (ROJO, 2012 p. 300).

Nesse contexto, é possível compreendermos que as práticas não podem ser vistas de maneira isolada, se faz necessário levar em consideração as particularidades do círculo social, olhando pelo prisma econômico e cultural daquele grupo específico. Corroborando com Pereira (2014), a pedagogia dos multiletramentos torna possível a presença do corpo enquanto linguagem, o que contribui para um olhar menos marginalizado sobre as questões que atravessam o corpo, assim como as áreas do conhecimento que o trata pedagogicamente, como a própria Educação Física (PEREIRA, 2014).

Trazendo essas discussões de forma específica para a Educação Física como disciplina escolar, é imprescindível que se entenda a escola como o principal, mas não o único espaço de letramento dos indivíduos. Santana (2021) afirma que:

Tal compreensão traz a reboque o entendimento que as áreas de conhecimento que compõem esta instituição devem contribuir, a partir de suas especificidades, para que os e as aprendentes atuem de maneira crítica e reflexiva na sociedade, a partir da apropriação de um conjunto de conhecimentos oferecidos por essa instituição. (SANTANA, 2021 p. 52).

Nesse contexto, a presente pesquisa entende que, quanto mais possibilidades de linguagem forem apresentadas ao alunado, mais oportunidades de compreensão e desenvolvimento da criticidade dos mesmos será possível explorar, o que irá refletir diretamente em suas posturas perante a sociedade.

Acreditando nessa ideia, trouxemos o filme Alice Júnior (2019) como ferramenta educativa que permitirá a reflexão e o debate acerca do corpo trans, partindo da exploração audiovisual que segundo Tinôco e Araújo (2017, p. 837) “pode estar incluso na Educação Física não apenas como aparato didático, mas como um processo de diálogo que busca incitar reflexões sobre diversas questões”.

2.3 O filme como proposta didático-pedagógica: os fios ideológicos presentes na relação autor/obra e público.

O presente trabalho apresenta como recurso para proposta didática o cinema/filme, partindo do pressuposto do amplo sentido que esta ferramenta apresenta. Para discutir o cinema, podemos partir de diversos pontos que vão desde o entretenimento, arte, indústria-mercado e até mesmo no âmbito educacional. (SOUZA, 2018).

Dentro desse contexto, é inegável o potencial que o cinema apresenta para o processo de ensino aprendizagem, pois cada obra apreciada em sala de aula, nos permite criar e instigar diferentes possibilidades pedagógicas. Quem encontra-se na posição de espectador, é levado a compreender a obra apresentada, levantando hipóteses sobre as possíveis intencionalidades que os idealizadores se apoiaram para a criação, esse processo também instiga o sujeito a refletir sobre si mesmo e sobre o outro mediado pela produção cinematográfica (SOUZA, 2018).

No entanto, o ambiente escolar, quase sempre, não compreende o cinema, com todo esse potencial, sendo, muitas vezes, utilizado apenas como um “preenchedor de lacunas” ou até mesmo um passa tempo em dias atípicos. Sendo assim, buscamos aqui trazer o cinema no seu sentido mais amplo, e para que isso seja possível, escolhemos trazer para o trabalho algumas contribuições de Bakhtin e seu Círculo.

Compreender o outro e os signos que cada um carrega só é possível dentro de um exercício de diálogo, que também envolve alteridade. O termo faz referência a necessidade de interação com o outro para a nossa formação humana, “eu-para-mim, eu-para-o-outro e do outro-para-mim” (BAKHTIN, 2010, p. 23), logo, é impossível que durante a nossa formação não carreguemos conosco traços de outros.

Ainda sobre esse contexto, Volochinov (1976), integrante do círculo de Bakhtin, faz uma crítica a dois pontos de vista, quando se trata de analisar uma obra de arte no texto “Discurso da vida e discurso da arte”. O primeiro deles seria a fetichização da obra artística, conceito e visão que restringe a análise da obra de arte a ela mesma, deixando de lado a visão

do seu criador e daqueles que estão apreciando. O segundo ponto de vista é aquele onde apenas a ótica do criador ou do contemplador são levadas em consideração.

Ao final das contas, ambos os pontos de vista pecam pela mesma falta: eles tentam descobrir o todo na parte, isto é, eles pegam a estrutura de uma parte, abstratamente divorciada do todo, apresentando-a como a estrutura do todo. Entretanto, o “artístico” na sua total integridade não se localiza nem no artefato nem nas psiques do criador e contemplador considerados separadamente; ele contém todos esses três fatores. O artístico é uma forma especial de interrelação entre criador e contemplador fixada em uma obra de arte. (BAKHTIN/VOLOSHINOV, [1926], 1976, p.4-5)

Dito isto, a escolha do filme “Alice Junior” para a proposta de intervenção pedagógica foi feita por acreditar que a obra tem potencial para discutir com maestria as questões de gênero que se fazem presentes no chão da escola - se não em mim, no outro. Dessa forma, para que o filme tenha toda a sua potencialidade explorada, a análise partirá da tríade defendida por Voloshinov, autor - através da análise biografia do diretor - obra - que foi assistida sem interrupções - e público - por meio de comentários do trailer da obra que está disponível na plataforma do YouTube.

Para além disso, fizemos aproximações com a Educação Física, que é uma área de conhecimento, conforme Brasileiro (2016, p. 8), que parte da peculiaridade que “não se expressa somente pela palavra, pela linguagem verbal, uma vez que sua materialidade se manifesta na linguagem não-verbal, na ação do tipo corporal, no corpo, no gesto do ser humano”. A análise aqui também não será feita de forma isolada, entre o verbal e o não verbal, pois acreditamos que dessa forma estaríamos, mais uma vez, limitando a potencialidade da obra de arte, além de dificultar o seu entendimento integral.

3 METODOLOGIA

3.1 Natureza da pesquisa

O presente trabalho é de natureza qualitativa. Para Minayo (2001, p.14), a pesquisa qualitativa trata-se de um “universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. Por sua vez, a introdução das narrativas audiovisuais, em nossas vidas não é algo novo, assim como a forma que ela possibilita e nos desafia a novas possibilidades para a educação. É por meio dessa implementação da audiovisualização das culturas que passamos a significar e compartilhar a contemporaneidade.

Quanto ao método, trata-se de uma pesquisa de abordagem documental, que de acordo com Sá-Silva (2009), parte de um intenso e amplo exame dos mais diversos materiais, que por sua vez ainda não sofreram nenhum trabalho de análise, ou ainda que podem ser reexaminados, para fazer outros apontamentos e interpretações ou informações complementares. Marconi e Lakatos (2009) coloca ainda que esses documentos podem ser divididos em dois grandes grupos, “documentos escritos” – documentos oficiais, publicações parlamentares, documentos jurídicos, fontes estatísticas, entre outros - ou “outros” - imagens, desenhos, pinturas, fotografias, filmes, objetos, canções folclóricas e vestuário. Para a elaboração da pesquisa utilizou-se o último tipo.

A escolha do filme surge exatamente da necessidade de analisar a obra que retrata em seu enredo o corpo trans, vivenciando um processo de maturação e aceitação, que na maioria das vezes estão carregados de olhares preconceituosos, situações essas que se fazem presentes em nossa sociedade. O intuito é que a partir dessa interpretação possamos criar uma maior oportunidade de compreensão e de desenvolvimento da criticidade, não só dos alunos, mas também dos professores.

3.2 Procedimento de seleção do filme

Inicialmente foram realizadas buscas na internet sobre os filmes que em seu enredo trouxessem o transgênero, por meio de termos de busca como: filmes sobre corpo trans; transgênero nos filmes; filmes que discutem a diversidade de gênero, entre outros.

Quadro 1 – Seleção do filme

Filmes encontrados nas primeiras buscas	Aplicação do filtro	Resultado Final
Tangerine (2015) Direção: Sean Baker e Chris Bergoch	Ano de Produção: Entre 2018 e 2020. Personagens: Personagem principal adolescente. Nacionalidade: Estadunidense	X
A Morte e Vida de Marsha P. Johnson (2017) Direção: David France	Ano de Produção: Entre 2018 e 2020. Personagens: Personagem principal adolescente. Nacionalidade: Estadunidense	X
Laerte-se (2017) Direção: Lygia Barbosa da Silva, Eliane Brum	Ano de Produção: Entre 2018 e 2020. Personagens: Personagem principal adolescente. Nacionalidade: Brasileira	X
Uma Mulher Fantástica (2017) Direção: Sebastián Lelio	Ano de Produção: Entre 2018 e 2020. Personagens: Personagem principal adolescente. Nacionalidade: Chilena	X
Girl (2018) Direção: Lukas Dhont	Ano de Produção: Entre 2018 e 2020. Personagens: Personagem principal adolescente. Nacionalidade: Belga	X
Alice Júnior (2019) Direção: Gil Baroni	Ano de Produção: Entre 2018 e 2020. Personagens: Personagem principal adolescente. Nacionalidade: Brasileira	Aprovado

Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

Por meio da referida busca, seis filmes foram encontrados, utilizando como critério de escolha os anos de produção dos mesmos, entre 2018 e 2020, que tivessem personagens principais adolescentes para que a aproximação com os espectadores (alunos do ensino

médio) fosse efetiva, tornando possível o diálogo com o contexto escolar e por fim, foi dada preferência a uma produção brasileira. Dessa forma, o filme *Alice Júnior* (2019), após corresponder a todos os critérios de seleção, foi selecionado para compor o presente estudo, sendo assistido sem interrupções.

3.3 Sobre o Corpus de Análise da Pesquisa

Buscando gerar uma aproximação de forma mais específica com a problemática da pesquisa, foram mapeadas e selecionadas oito cenas do filme, que tiveram como critério principal de seleção situações que se passam dentro do contexto escolar e familiar da personagem principal, partindo do pressuposto que seriam cenas que causariam uma maior aproximação entre os espectadores (alunos) e a obra.

Quadro 2 – Cenas do filme analisadas

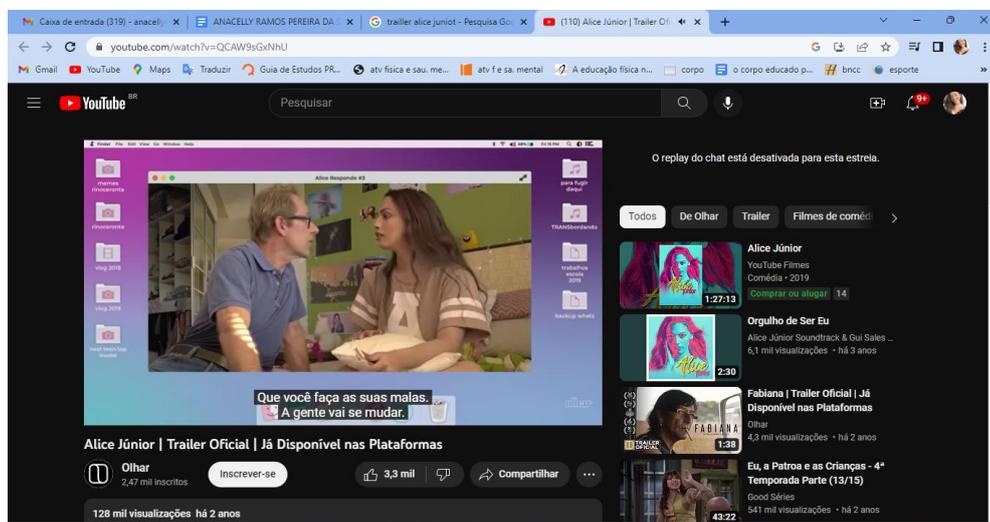
Número da cena	Tempo no qual a cena acontece	Contexto das Cenas
1	08'29"	<i>Tratamento Hormonal</i> Uma amiga relembra a Alice através de um vídeo, o momento que o seu pai comunica com alegria a liberação do início do seu tratamento hormonal.
2	11'49"	<i>Primeiro dia na Escola</i> Alice se organiza para o primeiro dia de aula na nova escola católica, já esperando que seja um momento delicado, a personagem principal escolhe a sua melhor roupa. Nos primeiros momentos a mesma já é barrada e encaminhada para a diretora que se refere a Alice com o nome de batismo (Jean Genet Júnior), pronomes masculinos e entrega a mesma um uniforme também masculino.
3	19'26"	<i>Corpo Trans e o Banheiro</i> A cena traz o uso do banheiro por pessoas trans. Alice se dirige ao banheiro feminino e ao chegar lá encontram duas meninas que barram a sua entrada, alegando que o uso do banheiro é exclusivo das meninas.
4	21'58	<i>Violência: A identidade de Alice</i> Chamada na sala de aula - os professores apenas se dirigem a Alice com o seu nome de batismo, aquele que está na lista e a mesma fica extremamente constrangida. Com exceção de um professor de história que com antecedência perguntou o seu nome e fez a correção na lista.
5	01h05'	<i>Violência: Corpo que incomoda</i>

		Em uma festa na piscina de uma aluna da mesma escola que Alice os meninos jogam a protagonista de propósito na piscina, rasgando sua roupa e arrancando o seu enchimento. Ao cair na piscina com vergonha, Alice fica embaixo da água por um tempo e acaba percebendo as peças de roupas também caindo na água e logo em seguida as meninas também acabam entrando. Como forma de protesto todas gritam “mexeu com uma, mexeu com todas”.
6	01h06’	<i>A força da sororidade</i> Volta à escola com a união feminina - As garotas da escola organizam um protesto e voltam aos locais em que Alice foi agredida e gritam palavras de ordem. .

Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

Logo após a definição desses pontos de aproximação, que têm como objetivo destacar o corpo trans e as suas vivências nem sempre positivas durante esse período de grande influência na nossa construção como sujeito - período escolar - também foram escolhidos alguns comentários - mais especificamente 4 comentários - do trailer da obra que está disponível na plataforma YouTube, para que possamos ter acesso ao olhar do espectador e por fim uma leitura e análise da biografia do diretor, juntamente com uma reportagem e uma entrevista que foram cedidas pelo mesmo, ao site RSN Rádio e para o Crítico Filippo Pitanga em seu canal no YouTube, respectivamente.

A junção dos comentários com a leitura e análise da biografia do diretor, bem como a entrevista, surgem como uma proposta didático pedagógica que possa contribuir para/com os professores(as) de Educação Física do Ensino Médio, junto com alguns encaminhamentos, para que essa temática e as discussões que a envolvem não seja negada aos estudantes.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=QCAW9sGxNhU>

3.4 Sobre as Categorias e a perspectiva de Análise

Para realizar a análise dessa obra cinematográfica, foi utilizado o método da verbo-visualidade, em que tanto a linguagem verbal como a visual possuem papel constitutivo na produção de sentido, não podendo ser separadas, pois, caso aconteça estaremos anulando parte do plano de expressão e compreensão (BRAIT, 2012). Além de uma abordagem poética sociológica que permite entender a estrutura em sua totalidade. “O artístico é uma forma especial de interrelação entre criador e contemplador fixada em uma obra de arte” (VOLOSHINOV, 1976, p.-5).

Sendo assim, para melhor entendimento e disposição dos nossos achados, utilizamos quatro (4) categorias que foram organizados em: Contextualizando a Obra Alice Júnior (2019); (Trans)formação hormonal e a relação com a Educação Física Escolar; Espaços escolares, professores/professoras e alunos/alunas como possíveis reforçadores de preconceitos; A (trans)formação da/em cena: Reivindicando direitos e formas de ser/estar no mundo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Contextualizando a Obra Alice Júnior (2019)

Neste tópico, estaremos contextualizando a obra cinematográfica Alice Júnior (2019), que tem como idade de classificação 14 anos. Foi escolhida como objeto de estudo da pesquisa, que se propõe a partir dessa trazer a discussão acerca do corpo trans para escola, mais precisamente para a Educação Física Escolar e materializar essas discussões em uma proposta didática que possa ser utilizada pelas/pelos professoras/professores.

O filme Alice Júnior (2019) conta a história de uma menina que tem como *hobbie* gravar vídeos para o *YouTube* e pela profissão do seu pai acaba precisando se mudar de Recife, para Araucárias do Sul - cidade fictícia. Em uma nova cidade e sem amigos, Alice vai estudar em uma escola católica onde acaba sofrendo inúmeros preconceitos por ser trans. Durante essa jornada a protagonista, que é interpretada por Anne Celestino - também trans, levanta questões extremamente relevantes e faz afirmações que colocam o espectador para refletir.

Acreditando que a obra só poderia ter todo o seu potencial explorado pela tríade defendida por Voloshinov (1976) (obra, autor e espectador) traremos aqui a biografia do diretor da obra Gil Baroni. De acordo com o site “Papo de Cinema”, o diretor nasceu em 18 de novembro de 1979 na cidade de Guarapuava (Paraná). Sua carreira como com produções audiovisuais teve início com curtas experimentais. Teve a sua estreia como diretor em obras cinematográficas com o curta “*Quatro Amigos numa Mesa de Bar Falando de Amor*” (2001) e o seu primeiro longa foi o documentário “*Cantoras do Rádio: O Filme*” (2009). O reconhecimento nacional só chegou em 2019 com “*Alice Júnior*”.

O site RSN Rádio, publicou em 2020 uma reportagem sobre a última obra e o seu diretor, afirmando que é a primeira vez que uma obra paranaense recebe um convite tão importante para a mostra Generation do Festival de Cinema de Berlim, logo após participar de premiações em festivais nacionais. Além disso, o diretor e uma entrevista para o Crítico Filippo Pitanga em seu canal no YouTube, fala sobre a surpresa e a felicidade de ter visto o seu filme ser tão bem aceito “Esse é o prêmio, quando o público se identifica dentro dessa projeção com a história e faz questão de compartilhar o sentimento que ela tem. Esse é o maior prêmio”.

Quanto ao público, foram resgatados alguns comentários do trailer do filme, que está disponível na plataforma de vídeos YouTube. Como critério de seleção, foram escolhidos comentários de pessoas que relataram já ter assistido o filme.

4.2 (Trans)formação hormonal e a relação com a Educação Física Escolar

Em um contexto geral, os estudos sobre transexualidade acontecem sobre duas linhas: Ciências Biológicas e Ciências Sociais. Em se tratando das ciências biológicas, as pessoas que carregam a marca do transgênero são vistas como acometidas pela disforia de gênero (DG), ou seja, não apresentam conformidade entre sexo biológico (de base cromossômica/genital) e gênero (ARÁN, 2006; CASTEL, 2001). Em contrapartida, para as Ciências Sociais, a transexualidade aparece como uma questão identitária. De acordo com Bento (2014), estas visões se confrontam diretamente.

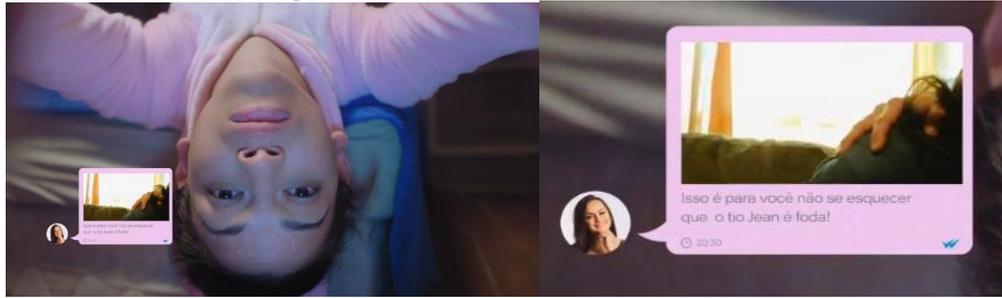
No filme “Alice Júnior”, a protagonista é uma adolescente trans que dá início ao seu tratamento hormonal, com o apoio do seu pai (Jean), que luta junto a sua filha por cada direito e espaço. O processo do tratamento hormonal não é retratado integralmente na obra, limitando-se a uma cena onde a amiga de Alice tenta fazê-la lembrar, através do compartilhamento de um vídeo, o quanto seu pai a apoia. Diferentemente de outras tantas realidades, Alice tem esse privilégio e não deve ficar chateada com o seu pai por causa da mudança de cidade anunciada por ele, em virtude de uma nova oportunidade de trabalho.

Esse relação a realidade apresentada pela personagem no filme, no tocante ao apoio familiar, uma pesquisa realizada em 2020, pela ONU⁷ (Organização das Nações Unidas), aponta que, pelo menos, 80,6% das pessoas trans já relataram ter sofrido algum tipo de discriminação ou situações de estigma por parte dos seus familiares.

Na Imagem 1, é perceptível, através da leitura de suas feições que, apesar de chateada com a situação, Alice se emociona ao rever o vídeo. A mensagem de texto deixada por sua amiga como legenda do vídeo “isso é pra você não esquecer que o tio Jean é foda!”, confere, ainda mais ênfase à situação, fazendo a protagonista rever o seu comportamento.

⁷ POPULAÇÃO trans ainda é mais vulnerável ao estigma e à discriminação no Brasil. Nações Unidas Brasil, 30 janeiro 2020. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/85007-popula%C3%A7%C3%A3o-trans-ainda-%C3%A9-mais-vulner%C3%A1vel-ao-estigma-e-%C3%A0-discrimina%C3%A7%C3%A3o-no-brasil> . Acesso em: 30 de abr. 2023.

Imagem 1: Cena 1: Tratamento Hormonal



Fonte: Alice Júnior, 2019.

O estudo realizado por Santos (2021), que tem como temática “O discurso de professores/as de Educação Física sobre atletas trans no esporte”, a autora busca fazer uma análise de discurso sobre a opinião de um grupo virtual de professores sobre a participação da atleta Tiffany no voleibol. Entre os comentários, muitas críticas são levantadas sobre a participação da atleta.

Estudar bioquímica e fisiologia, entender as adaptações crônicas que uma vida inteira de testosterona a nível masculino e treino promovem e, mesmo assim, aceitar que trans podem competir com mulheres cis beira o absurdo. É jogar no lixo todo seu estudo sobre hormônios e adaptações no lixo em prol de defesa de uma ideologia.

Sabemos que a Educação Física tem sua história marcada pelo biológico (BETTI, 2004). A área foi desenvolvida, partindo de saberes médicos e que reforçam a hierarquia dos gêneros e, por muito tempo, delegou pouco ou nenhum espaço para discussões que envolvem os aspectos sociais e culturais dos sujeitos, marcas possíveis de serem vistas na disciplina atualmente.

Atualmente, entre os serviços oferecidos aos transexuais, estão o tratamento hormonal e cirúrgico, que são determinantes no processo de mudança de gênero. Na esfera do Serviço Público temos Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, que é oferecido pelo SUS (Sistema Único de Saúde).

Entre os objetivos estão os seguintes, do artigo 2º:

VI – garantir acesso ao processo transexualizador na rede do SUS, nos moldes regulamentados; [...] VIII – reduzir danos à saúde da população LGBT no que diz respeito ao uso excessivo de medicamentos, drogas e fármacos, especialmente para travestis e transexuais (BRASIL, 2013, p. 20).

O processo transexualizador é redefinido na Portaria nº 2.803, de 19 de novembro de 2013, prezando pela integralidade e humanização, além de recursos que promovam uma atenção básica e especializada durante todo o processo. Por fim, a atenção clínica deve acompanhar o pré e pós-operatório, além de hormoterapia (BRASIL, 2013).

Apesar de ser uma temática extremamente importante, é nítido que algumas pessoas ainda têm grande repulsa pela discussão que envolve as transformações desse corpo. Entre os comentários deixados pelos espectadores da obra em seu trailer, um deles chama atenção: “Bastou ver a velha da gretchen aos 0:07 e ver os canastrões dos atores para perceber a qualidade do filme e desligar logo o youtube Parece um filme teen anos 80 sem conteúdo mostrando um gay que acha que é menina...” (ANTONIO DE MONTENEGRO).

Em contrapartida a essa visão, o diretor do filme, Gil Baroni, relata em uma entrevista sobre a identificação em massa do público com a obra e o quanto o mesmo torcia por essa repercussão positiva, mesmo que a sua obra vá de encontro a um tema censurado, mas que o mesmo se desafiou a realizar, a partir do momento que a ideia surge com o seu amigo e ator Luiz Bertazzo.

Estudos do campo da análise do discurso, na perspectiva dialógica, apontam que, quando se trata das discussões de gênero, existem duas forças opostas que a rodeiam: uma primeira que regula, normatiza, estabiliza, generaliza, promove recorrência, enquanto a segunda desestabiliza, relativiza e dinamiza. Estas foram chamadas de “força centrípeta” e “força centrífuga”, respectivamente. Tais nomenclaturas foram criadas por Bakhtin (1988), fazendo referências às forças da língua. De acordo com o seu pensamento, a força centrípeta é aquela que tem por objetivo tornar a língua homogênea, unificá-la, enquanto a centrífuga busca o caminho contrário - tornar a língua heterogênea. É exatamente o embate que acontece com os discursos citados anteriormente, pois, o espectador age como a força centrífuga e o diretor apresenta-se como a centrípeta.

Trazendo para o contexto da Educação Física Escolar, disciplina essa que pode ser uma grande ferramenta para discutir o corpo, as questões que o envolvem e o porquê da sua socialização, infelizmente, muitas vezes, deixa de ter toda a sua potencialidade explorada por visões “encurtadas”. O exemplo do esporte como viril e virtuoso “é frequentemente ressaltado pela sentença ‘futebol é coisa pra macho’” (FRANZINI, 2005, p. 316). Além da segregação das aulas entre meninos e meninas, que vai na direção contrária aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), documento que prescreve as aulas mistas, para que as questões de gênero possam ser analisadas e vivenciadas nas aulas, como reforça Dornelles e Fraga (2009).

[...] as aulas mistas de Educação Física podem dar oportunidades para que meninos e meninas convivam, observem-se, descubram-se e possam aprender a ser tolerantes, a não discriminar e a compreender as diferenças, de forma a não reproduzir, de forma estereotipada, relações sociais autoritárias (DORNELLES; FRAGA, 2009, p. 144)

No entanto, muitas escolas ainda optam pelas aulas separadas, o que contribui para a disseminação de preconceitos e do sentimento de pertencimento de alunos trans. O estudo realizado por Barroso (2018) mostra o discurso de pessoas trans sobre o sentimento durante as aulas de Educação Física e um deles afirma que:

[...] eu ficava sem fazer nenhuma atividade física na escola, por essa exclusão de gênero, meninas pra um lado e meninos para o outro, e como eu não me identificava com o jogo que os meninos estavam, eu simplesmente me excluía e ficava só olhando, e quando era prova, eu falava “professor, passe um trabalho pra mim, por que na verdade, eu não tô me sentindo bem”, enfim, eu sempre inventava alguma desculpa (BAHUCHARA).

Falas como essa demonstram o quanto as aulas de Educação Física podem impactar na vida das pessoas transgênero e cabe a nós, professores, investir em uma Educação Física que seja humanitária, pensando cada aluno na sua totalidade, sem ignorar os preconceitos, sejam eles explícitos ou velados, e nada mais eficaz que trazer as temáticas que envolvem o corpo para as aulas com o objetivo de se discutir e compreender as diferenças.

4.3 Espaços escolares, professores/professoras e alunos/alunas como possíveis reforçadores de preconceitos

O ambiente escolar ainda possui um olhar sobre a vigilância dos corpos, como tratado na obra *Vigiar e Punir*, de Michel Foucault (1987), corrigir, moldar e até mesmo vigiar para que, assim, possa “criar” cidadãos educados, homogêneos e civilizados. A presença de alunos e alunas homossexuais, trans e até mesmo bissexuais, ainda acarreta um extremo desconforto, em algumas instituições, sendo a transexualidade o maior dos tabus.

Durante o filme, Alice vivencia situações na nova escola, que quase a fazem desistir de frequentá-la. No Brasil, a realidade de evasão escolar pelas questões de gênero é assustadora, apesar de poucos dados, de acordo com levantamento feito pela Rede Nacional de Pessoas Trans do Brasil⁸ (2017), 82% das pessoas trans abandonam o ensino médio entre 14 e 18 anos.

⁸ Disponível em: https://porvir.org/ao-ignorar-diferencas-escola-exclui-estudantes-trans/?utm_campaign=shareaholic&utm_medium=copy_link&utm_source=bookmark

Imagem 2: Cena 2 - Primeiro dia na Escola



Fonte: Alice Júnior, 2019.

Imagem 3: Cena 2 - Primeiro dia na Escola



Fonte: Alice Júnior, 2019.

O primeiro dia de aula da protagonista tem como trilha sonora a música “Cheguei” da cantora Ludmilla, reproduzida nos fones de ouvido da protagonista, como forma de encorajamento, já que um dos seus trechos diz “[...] Cheguei chegando, bagunçando a zorra toda / E que se dane, eu quero mais é que se exploda / Porque ninguém vai estragar meu dia [...]”. No entanto, rapidamente a sua chegada é marcada pelos olhares de estranhamento – perceptíveis na Imagem 2 - e que ao mesmo tempo buscam atribuir valores a Alice. Esse comportamento nos remete ao seguinte conceito presente em *Marxismo e filosofia da linguagem*: “Tudo que é ideológico possui um valor semiótico.” (VOLOCHINOV, 1988[1929], p. 32), ou seja, de acordo com o autor, os fenômenos ideológicos possuem uma

realidade significativa, e não podem ficar limitados ao psíquico, sendo assim os domínios ideológicos e os domínios signos, diretamente correspondentes.

Alice tem o caminho até a sala de aula interrompido pela diretora da escola, que chama a sua atenção pelas vestimentas e a entrega de um uniforme masculino, negando a aluna de usufruir de sua segunda pele, o vestuário que, de acordo com a teoria das cinco peles de Hundertwasser, é a nossa forma de se afirmar perante o mundo e expressar a própria essência (OLIVEIRA, 2012). Além disso, a então diretora, em seu lugar de poder e autoridade, refere-se a Alice pelo seu nome de batismo, Jean Genet Júnior. O nível de constrangimento é tanto que a protagonista não se posiciona contra essas atitudes.

Tais atitudes fazem com que Alice fique extremamente vulnerável, como visto na Imagem 3, já que a protagonista se encontra com os cabelos sobre o rosto que, por sua vez, está completamente baixo, olhando para o chão. Além disso, sua postura corporal denuncia o desânimo, mostrando um “corpo largado”, sem ânimo.

Quando, finalmente, consegue chegar à sala de aula, é recebida com “piadas” de um colega que diz “viados ficam no fundo”. Nesse instante, Alice o enfrenta derrubando seu material no chão e continua seu deslocamento para uma das cadeiras. Também é nítido – imagem 4 – que toda a turma para o que estava fazendo e voltam seus olhos em direção a protagonista. Além disso, o aluno que a recebe com falas pejorativas, em especial, carrega um olhar enfiado, na tentativa de amedrontá-la.

Imagem 4: Cena 2 - Primeiro dia na Escola



Fonte: Alice Júnior, 2019.

Um estudo feito por Ziotti e Santos (2018), buscou relatar o contexto escolar do aluno transexual. Entre os participantes da investigação, um aluno do ensino médio, que se autoidentifica como trans, falou, durante a entrevista para o projeto, sobre o *bullying* sofrido no ambiente escolar. Ao ser questionado sobre como os outros alunos o chamavam, afirmou

que: “De viado, gay, gayzinho, viadinho”. Já quando questionado sobre possíveis agressões, o adolescente diz que é o que tem mais medo: “Assim, a gente se sente impotente, né, sente que a gente é um lixo. [...] Sabe, é complicado” (CAÇADOR, 18 anos).

Outra observação que é possível ser feita por meio da análise da imagem 4 e que merece ser destacada é o fato da sala de aula frequentada por Alice ser majoritariamente branca - fato nítido com a imagem de uma das cenas - a escola em questão é particular, segue o catolicismo e é tida como uma das melhores escolas da cidade, o que nos leva a refletir a ideia de hierarquia étnica, que ainda se faz muito presente na sociedade. Os corpos negros quase não estão nesses ambientes, muitas vezes por questões financeiras, situação relatada pelo personagem da trama chamado Bruno, um aluno negro, o único que aparece na obra e que se coloca afirmando que faz questão de ir para os mesmos locais que os demais, para ver a reação dos colegas ao se depararem com um preto nos “condomínios de rico deles”.

Além disso, também é possível perceber o fio ideológico da religião presente na obra, mais precisamente do catolicismo. A escola nova na qual Alice irá estudar é religiosa, “Colégio Nossa Senhora da Sagrada Redenção”, o que causa a personagem ainda mais tensão ao imaginar a sua chegada. Tal sentimento ganha força, pois alguns setores cristãos tem sido um dos grandes contribuintes para o aumento de preconceitos quando o assunto gira em torno das discussões de gênero. Em 2015, foi publicado pela CNBB⁹ (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) uma crítica acerca da diversidade de gêneros na Educação, seja ela estadual ou municipal, por acreditar que essa postura estaria colocando em risco as famílias e o conceito de homem e mulher.

⁹ Os documentos publicados podem ser encontrados na íntegra no site da CNBB: <http://www.cnbb.org.br/>.

Imagem 5: Cena 3 - Corpo Trans e o Banheiro



Fonte: Alice Júnior, 2019.

Partindo para outra cena, Alice tenta utilizar o banheiro feminino e é proibida por duas meninas que ficam contra a sua entrada e a repreendem dizendo que é proibida a entrada de meninos naquele banheiro. Na imagem 5, a aluna em questão, segura os braços de Alice e posiciona-se na porta do sanitário, não deixando espaço para a protagonista entrar. Com isso, ela reage com olhar de estranhamento, mas que, ao mesmo tempo, aparenta estar estagnada com a situação.

Essa discussão sobre o uso do banheiro acompanha as pessoas que carregam a marca do transgênero por muito tempo. Marina Reidel, professora trans, compartilhou em sua dissertação de mestrado intitulada “A pedagogia do salto alto: histórias de professoras transexuais e travestis na educação brasileira” (2013), alguns casos que envolvem o uso dos banheiros na instituição escolar e afirma:

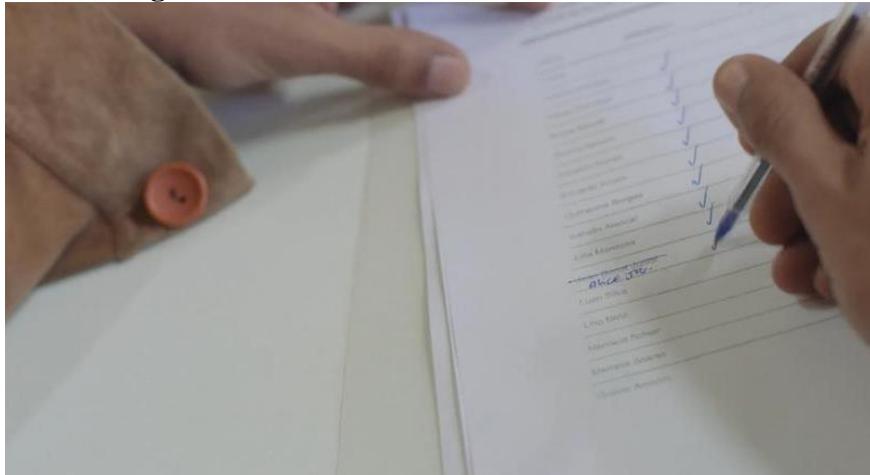
Se o Estado reconhece a travesti pelo nome social e pelo gênero feminino, por que estão questionando o banheiro? Se ela tem aparência feminina, atende pelo nome que adotou, por que a escola insiste em problematizar? (...). É claro que estes casos apontam para uma situação muito mais grave, onde a questão não é o banheiro (...) e sim o direito de fazer as necessidades fisiológicas e não serem agredidas (REIDEL, 2013, p. 95-96)

Essa afirmação pode ser sentida por Alice no momento em que uma das meninas a ameaça, saindo de dentro de uma das cabines do banheiro e dizendo que a protagonista não deve voltar ali. A mesma cena é “retomada” no minuto 33’ 50”, quando Alice acaba por não aguentar e urinar em sala de aula, pois, segundo ela, não tem banheiro para ela naquele ambiente. Essa situação é a que mais abala emocionalmente a protagonista, que recebe o apoio de um único professor, que a oferece a chave do banheiro dos professores, como uma

atitude emergencial ou ainda como uma forma de alteridade, que é a chave para superar qualquer tipo de preconceito, aqui, de forma específica, o professor (sujeito), se coloca à disposição e no lugar do outro (Alice), ampliado através dessa relação o horizonte de ambos.

O filme também se posiciona a respeito do uso do nome social, que aparece mais fortemente durante a chamada realizada pelos professores/professoras. Todos/as eles/elas chamam Alice pelo seu nome de batismo (Jean Genet Júnior) e após corrigi-los tantas vezes, ela desiste de responder, até que o mesmo professor de história já havia feito a correção e chama pelo nome social - Alice Júnior - o que nitidamente deixa a aluna empolgada. Na imagem abaixo é possível perceber que essa correção foi feita a mão, pelo próprio professor, logo não foi algo que a escola se preocupou em resolver.

Imagem 6: Cena 4 - Violência: A identidade de Alice



Fonte: Alice Júnior, 2019.

Voltando os olhares para o público, sobre toda essa temática, um espectador deixa o seguinte comentário sobre a obra: “[...] é um filme muito sensível, tem a estética (linda por sinal) bem colorida de um filme teen, porém com problemáticas e situações muito reais. recomendo!” (j.~).

Essa afirmativa vai de encontro a visão de Gil Baroni, diretor da obra que, em entrevista com Felippo Pitanga, afirma que o objetivo era trazer o corpo trans que sempre foi muito estigmatizado, através de um filme com um olhar leve e colorido que pudesse atingir a todos, a partir das delicadezas do seu enredo. “Fora essa questão estatística terrível, trágico para o Brasil de ser um país tão gigante, tão plural, mas que carrega o recorde de transfobia, assassinatos e é uma coisa que a gente precisa resolver urgente [...]”.

Outro comentário deixado por um espectador faz referência a emoção que pode ser sentida pela através da obra “Lindo filme. A gente fica tão orgulhosa ver a criatividade e

sensibilidade do cinema brasileiro. Tudo perfeito e emocionante” (RAQUEL CARVALHO). O que também é motivo para o sentimento de dever cumprido do diretor que, em suas colocações, afirma que, pelo fato do filme se passar em um contexto digital em que o “curtir, comentar e compartilhar” se faz extremamente presente. Ver o público ao assistir a obra, aplaudir as cenas e gargalhar traz, para ele, a referência a essa curtida, de expressar a emoção que se sente ao assistir.

Entre os agentes mobilizadores para a produção dessa obra, atingir o público jovem era um requisito a ser alcançado, por isso o enredo gira em torno do ambiente escolar. Os apontamentos para essa instituição ficam ainda mais significativos, tornando o filme um objeto de estudo em potencial para exibição em sala de aula. As referências às redes sociais, a protagonista como uma grande usuária que já "viralizou", causam uma grande aproximação com os alunos, que vivem - querendo ou não - este universo.

Além disso, a estética da obra chama atenção, os brilhos, os efeitos em neon até mesmo as gírias utilizadas pelos personagens, tem relação com a estesiologia, pois para entender e associar a obra é preciso ir de encontro aos meus campos sensoriais, buscando unir os conhecimentos prévios de presente, passado e futuro, para que por fim seja possível “uma compreensão pessoal a respeito do mundo” (RAMOS, 2017, p. 157).

Na cena seguinte, após quase desistir de frequentar a escola, em seu retorno, Alice é convidada para uma festa na piscina que acontece todos os anos em comemoração ao aniversário de uma aluna - Manuela - no dia do evento a protagonista vai com a sua amiga Viviane, e antes descer do carro, Alice por ter enfrentado até aqui várias questões, pergunta ao seu pai se ela está feminina o suficiente e vai em direção a festa, onde é recebida pelos mesmos meninos que a atormentam com mais preconceitos.

A sensação de insegurança que permeia Alice com relação ao seu corpo em processo de transição requer reflexão. O gênero feminino está associado a características impostas socialmente e a demarcadores de feminilidade, a exemplo do cabelo longo, roupas justas mostrando as “curvas do corpo” e acessórios, todo esse embate ganha força com as “piadas” que a personagem sofre durante todo o enredo da obra, a deixando ainda mais sensível.

Dando continuidade a cena, com o intuito de se afastar, Alice decide sentar na borda da piscina e conversar com as suas amigas, é quando é surpreendida pelos garotos da escola, que arrancam a sua roupa, e a jogam na piscina à força. Em sinal de desespero a mesma fica algum tempo embaixo d'água e começa a perceber peças de roupa sendo jogadas ao seu redor,

é quando as outras meninas da escola se solidarizam e pulam na piscina de “*topless*”¹⁰ junto com Alice e gritam “mexeu com uma, mexeu com todas!”

Imagem 7: Cena 5 - Violência: Corpo que incomoda



Fonte: Alice Júnior, 2019.

Imagem 8 : Cena 5 - Violência: Corpo que incomoda



Fonte: Alice Júnior, 2019.

¹⁰ “Exibição, por uma mulher, do busto nu em público” Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/topless> [consultado em 29-04-2023].

Imagem 9: Cena 5 - Violência: Corpo que incomoda



Fonte: Alice Júnior, 2019.

Dialogando com as imagens, é notório o quanto o comportamento dos alunos foi um ato de violência para/com Alice. O desespero da protagonista é compartilhado pela sua amiga Viviane e fica nítido nas expressões de ambas, através dos cabelos revoltos, das sobrancelhas arqueadas e o olhar, que busca uma forma de sair daquela situação. Além disso, a força que é aplicada pelos meninos para que a roupa da protagonista seja arrancada, causa a quem visualiza a imagem, certo pavor, tendo em vista que um deles tenta conter Alice, segurando os seus braços para que o outro consiga finalizar a ação.

É possível perceber com as cenas que para cada atitude houve uma repercussão para a protagonista, seja ela positiva ou negativa, da mesma forma, para aqueles que estão compartilhando o ambiente, a influência se faz presente, seja como forma de reproduzir os preconceitos dos mais ignorantes, ou enfrentá-los apoiando e ajudando Alice.

Isso também diz respeito ao nosso comportamento enquanto professor na escola, não há espaço nesse ambiente para a nossa falta de posicionamento e neutralidade, a esperança está exatamente na sensibilidade de entender e se colocar no lugar do outro, lutando contra qualquer tipo de opressão. O poema “A Esperança do Mundo”, de Bertolt Brecht (2000, p. 222), compartilha dessa ideia e nos acalenta em sua estrofe final:

*"[...] Quanto mais numerosos os que sofrem, mais naturais parecem seus sofrimentos,
portanto. Quem deseja impedir que se molhem os peixes do mar?
E os sofrendores mesmos partilham dessa dureza contra si e deixam que lhes falte bondade
entre si.
É terrível que o homem se resigne tão facilmente com o existente, não só com as dores
alheias, mas também com as suas próprias.*

Todos os que meditaram sobre o mau estado das coisas recusam-se a apelar à compaixão de uns por outros. Mas a compaixão dos oprimidos pelos oprimidos é indispensável. Ela é a esperança do mundo”.

4.4 A (trans)formação da/em cena: Reivindicando direitos e formas de ser/estar no mundo

A reviravolta da obra acontece a partir da união das meninas, que voltam à escola e revistam os lugares onde a protagonista foi agredida de alguma forma e como forma de protesto levam cartazes e gritam palavras de ordem.

É perceptível na imagem abaixo (imagem 10), a empolgação das meninas que aparecem sorrindo e carregando uma porção de cartazes que serão distribuídos pela escola. Alice, em especial, vibra como nunca, com os olhos fechados em um momento onde grita como forma de aliviar toda a dor que vivenciou durante a trama. Além disso, ela também aparece na frente das meninas como a líder do movimento.

Imagem 10: Cena 6 – A força da sororidade



Fonte: Alice Júnior, 2019.

Imagem 11: Cena 6 – A força da sororidade



Fonte: Alice Júnior, 2019.

Imagem 12: Cena 6 – A força da sororidade



Fonte: Alice Júnior, 2019.

A imagem 12 é uma continuação da cena 6, que ainda apresenta para o espectador um novo contexto: a aluna que antes impedia a entrada de Alice ao banheiro, agora recebe gritos e palavras de ordem das outras alunas. O seu olhar “serrado” ainda reprova o comportamento das garotas e o movimento de retirada do cartaz colado no espelho, nos dá a entender que não compartilha do movimento feminista. O cartaz em questão faz referência a Rosie, “a Rebitadora”, e nele está escrito a frase “*We Can Do It!*”, que significa: “Nós podemos fazer isso!”. Este, por sua vez, não foi criado para ser um símbolo feminista, mas com o

crescimento do movimento, em 1970, a imagem ganha força, por representar uma mulher independente e forte.¹¹

Sobre essa mudança de enredo que é capaz de encher de esperança quem está do outro lado da tela, um espectador deixou um comentário: “Esse filme foi um presente pra mim. Me fez ter esperança em trabalhar com cinema tanto atrás como na frente das câmeras, mesmo sendo trans e morando no Brasil” (LUCAS M. T). Falas como essa nos faz retomar a uma afirmação de Gil Baroni, quando coloca que uma alternativa de mudar a realidade do Brasil, como sendo um dos mais violentos para as pessoas LGBTQIAP+. É fazendo arte, filmes músicas, entre outros. Além de atingir um grande público, essas ferramentas são indispensáveis quando o tema é representatividade social, que tem por significado¹² aquele que representa politicamente os interesses de um grupo, de uma classe ou de uma nação.

4.5 Proposta didática como possibilidade de intervenção

Inicialmente para que haja uma melhor compreensão da proposta didática em questão, cabe aqui contextualizar a Educação Física no Ensino Médio.

Zibas (2005, p. 25) coloca que o corpo docente de forma geral, possui “grande dificuldade de aproximar-se da cultura adolescente. Esse distanciamento afunila a cultura da escola, empobrece as trocas entre os sujeitos do mundo escolar e converte, muitas vezes, o conteúdo das disciplinas em elemento aversivo aos alunos”.

Os estudos que permeiam o corpo sociocultural e a sua relação com a Educação Física são de todo recentes, o que pode gerar uma certa dificuldade para os professores de incluírem essa discussão em seus planejamentos. Um estudo feito por Silva (2015) buscou investigar quais os temas relacionados ao corpo que são abordados pelos professores de Educação Física do ensino médio em escolas do Rio de Janeiro. Entre as temáticas em destaque, os professores mencionam práticas e hábitos relativos à saúde e aceitação do próprio corpo, entre algumas falas, o que a autora chama de “P10”:

[...] Veja bem, a gente conversa com os alunos no que é possível. [...] Então [...] quando surge algum conflito, quando a gente faz alguma atividade que surge algum conflito de gênero [...] ou então de bullying, do “gordinho”, do “grandão”, do “negro”, do “dentuço”, a gente aproveita esses momentos pra trabalhar essas

¹¹ CONHEÇA a história de Rosie, ilustração símbolo do feminismo. Redação Galileu, 08 DEZ 2017. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2017/12/conheca-historia-de-rosie-ilustracao-tida-como-simbolo-do-feminismo.html>>. Acesso em: 01/05/2023

¹² "representatividade", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <<https://dicionario.priberam.org/representatividade>> Acesso em: 29/04/2023

contradições. [...] a gente tenta trabalhar na questão da afirmação, da melhoria da autoestima, trabalhando com eles a conscientização de um corpo, que eles têm corpos diferentes [...] (P10)

Costa (2014) chama atenção em seu estudo ao entrevistar alunos do ensino médio a respeito das aulas de Educação Física, a autora elenca as quatro categorias de resposta, a saber: esportes trabalhados, algumas discussões sobre corpo e saúde (drogas, obesidade...), a separação de aulas de meninas e de meninos voltadas unicamente para a saúde.

É interessante observar a importância dada em ambos os estudos ao corpo puramente biológico, estético e a ausência de debates que abram espaço para a problematização desse corpo contemporâneo, com um olhar sensível para as angústias dos alunos, para que assim a Educação Física e a escola como um todo possam assumir juntos o papel de formadoras de cidadãos críticos.

É importante perceber, também, que essas considerações podem levar o docente a repensar a sua prática e buscar o entendimento desse corpo biopsicossocial que está para além da atividade física como promotora de saúde.

Neste contexto, iremos situar a proposta didática que parte do conceito dialógico de Bakhtin (2003, p. 410), quando ele coloca que “os sentidos do passado, isto é, nascidos no diálogo dos séculos passados, podem jamais ser estáveis: eles sempre irão mudar no processo de desenvolvimento subsequente, futuro do diálogo”, ou seja, essa proposta didática é passível de renovação, ela não está fechada e não só pode como deve ser alterada para cada realidade, até porque isso também vai ao encontro a alteridade de Bakhtin (2010), quando se entende que o outro tem um valor diferente e que esse diálogo é o que permite o processo de enriquecimento.

4.6 Organização da proposta didática

Essa proposta didática tem como objetivo discutir assuntos relacionados a corpo e gênero da Educação Física escolar, mais precisamente do corpo trans. Dito isso, a proposta se organiza em cinco momentos, de acordo com a disponibilidade e horário das aulas de Educação Física de cada professor, são eles: *I - Comunicação (O que é ser homem e o que é ser mulher); II - Apreciação da Obra Cinematográfica (Alice Júnior, 2019); III - Desenhando corpos, o olhar do outro sobre mim; IV - Divisão e reunião dos grupos, organização de discursos e escolha de provas; V- Vivência do Júri Simulado - Tema: A Educação Física Escolar e o corpo trans, vivências marcadas ou não pela exclusão?*

1º MOMENTO:

TEMA: O QUE É SER HOMEM E O QUE É SER MULHER?

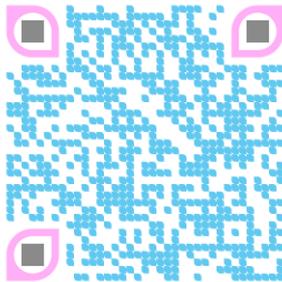
OBJETIVO:

Promover a reflexão e o debate acerca da construção social do ser homem e ser mulher.

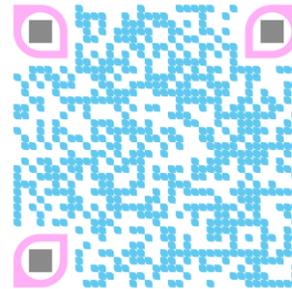
Iniciaremos a aula por meio de uma conversa com o intuito de realizar um mapeamento do conhecimento dos alunos a respeito da temática em questão.

As músicas Triste, louca ou má - Francisco el Hombre e Masculinidade - Tiago Iorc serão ouvidas e, em seguida, construiremos uma lista de palavras no quadro para os alunos remetem a ser mulher e/ou a ser homem, abrindo espaço para a discussão do corpo trans em uma roda de conversa que acontecerá posteriormente.

(*Texto base: FARIA, Nalu; NOBRE, Miriam. O que é ser mulher? O que é ser homem? Subsídios para uma discussão das relações de gênero. Gênero e educação: caderno para professores. São Paulo, Secretaria Municipal de Educação, p. 29-42, 2003.*)



Música - Triste louca ou má - Francisco el Hombre
Link: <https://www.youtube.com/watch?v=IKmYTHgBNoE>



Música - Masculinidade: Tiago Iorc
Link: <https://www.youtube.com/watch?v=V5GUxCQ8rl4>

2º MOMENTO

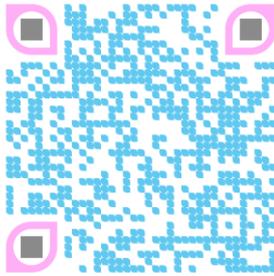
TEMA: CORPO TRANS EM EVIDÊNCIA

OBJETIVO:

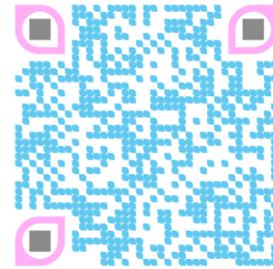
Proporcionar a apreciação da obra cinematográfica Alice Júnior (2019), com uma análise mais aprofundada acerca das cenas em destaque na pesquisa, além daquelas que eventualmente chamaram a atenção dos alunos e não foram aqui citadas.

O filme Alice Júnior será exibido na íntegra e os alunos serão indagados sobre o entendimento da obra como um todo, levantando as seguintes perguntas norteadoras, a partir das cenas escolhidas: *Como vocês veem o apoio familiar, para as pessoas que carregam a marca do transgênero? Existe justificativa para a violência sofrida por essa comunidade? Para você, as redes sociais é um lugar de desabafo?*

O filme está disponível para alugar ou comprar na plataforma do YouTube e também na Netflix.



Filme Alice Junior - YouTube
 Link: <https://www.youtube.com/watch?v=Bunzw9iBhGo>



Filme Alice Júnior - Netflix
 Link: <https://www.netflix.com/br/title/81196768>

3º MOMENTO

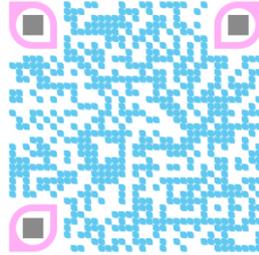
TEMA: CORPO MARCADO

OBJETIVO: Promover a experimentação do olhar do outro sobre o seu corpo, além de compreender que esse corpo está para além da estética.

A proposta a seguir foi baseada em Santana (2021) - Os alunos formarão duplas e cada dupla irá receber um giz. O intuito é que um componente deite no chão, enquanto o outro contorna o seu corpo com um giz e, posteriormente, os papéis serão invertidos. Logo em seguida, serão acrescentadas aos desenhos algumas informações referentes aos dados que assolam a população trans, a exemplo de: *Índice de violência; Rejeição familiar; Abandono escolar; Corpos trans que alcançaram lugar de destaque nos esportes, na música, na atuação; Avanços no SUS (Sistema Único de Saúde), quanto ao tratamento hormonal para essa comunidade, entre outros.* Vale ressaltar que essas informações são apenas uma sugestão e que o/a professor/a, pode apresentar outros dados de sua preferência.

Durante a execução da atividade, a música Sol no Peito - Nick Cruz, estará tocando, que está diretamente ligada ao contexto da proposta, como pode se enxergar no trecho: “[...] *E eles querendo consumir meu corpo enquanto eu, só quero mudar de nome, só quero paz e respeito [...]*”, o que torna a experiência ainda mais significativa.

Ao final deste momento, uma roda de conversa será iniciada, com intuito de instigar os alunos/alunas a estabelecer relações dialógicas entre as imagens dos corpos desenhados. O texto escrito na folha, a paisagem sonora e as imagens do filme que contam as vivências da personagem principal.



Sol no Peito - Nick Cruz

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=1Lg-XL9xYkA>

4º e 5º MOMENTO

TEMA: CONSTRUINDO ARGUMENTOS

OBJETIVO:

Colaborar para o protagonismo estudantil, promovendo um Júri Simulado e contribuindo para a criticidade dos discentes.

Essa proposta foi inspirada no modelo “tribunal da bola”, Batista (2021).

A turma será dividida em 5 grupos, sendo cada um deles composto por cinco alunos - ou mais, dependendo do tamanho da turma - cada um dos grupos terá uma função em específico que será definida por sorteio:

Grupo 1: Advogados de defesa

Grupo 2: Promotores (acusação)

Grupo 3: Juízes

Grupo 4: Testemunhas

Grupo 5: Ata (responsável pelo registro do júri simulado)

Tema: A Educação Física Escolar e o corpo trans: vivências marcadas ou não pela exclusão?

Inicialmente, cada grupo deve se reunir para elaborar os seus argumentos e provas, que podem ser retiradas dos encontros anteriores, como por exemplo, imagens do filme “Alice Júnior”, ou até mesmo trazer para o júri a interpretação de personalidades do esporte, música, entre outras que carregam a marca do corpo trans.

Posteriormente, todos irão vivenciar o Júri Simulado, o/a professor (a), deverá mediar o Júri, controlando e guiando as etapas:

Socializar as ideias nos grupos - 10 min

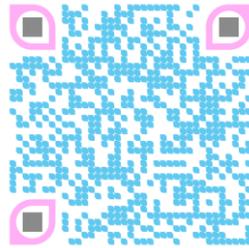
Defesa da tese inicial - 10 min (5 min para defesa e 5 min para acusação)

Debate entre grupos - 20 min

Considerações finais - 10 min (5 min para cada grupo)

Veredito final - 5 min

Material norteador



Júri Simulado Escola Fernando Prestes Itapetinga
Link: <https://www.youtube.com/watch?v=RCsRcpLksFc>

5 CONCLUSÃO

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem os sentidos do passado, isto é, nascido no diálogo de séculos passados, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles irão sempre mudar (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, diálogo futuro. (BAKHTIN, 2011, p. 410)

Bakhtin (2011), durante a citação que abre esse intervalo da pesquisa, menciona que esse diálogo é inesgotável, pois passa por uma série de renovações. Nesse contexto, se faz necessário lembrar a primeira pergunta norteadora dessa pesquisa: como a Educação Física pode contribuir para a não marginalização dos corpos dentro do ambiente escolar?

O círculo de Bakhtin, utilizado como mecanismo dialógico durante a fundamentação do trabalho, pensa a linguagem dentro de uma dimensão social, pois sabemos que ela é socialmente construída e adquirida por cada indivíduo, além de influenciar a forma singular como cada vai agir perante o mundo, sem deixar de lado as marcas que carregamos dos outros sujeitos, levando em consideração que a nossa existencialidade perpassa o outro.

As instituições formadoras, mais especificamente as escolas, se apresentam como um dos primeiros locais onde aprendemos a conviver com as diferenças. Compreender cada aluno como sujeito ativo, que não só sente, mas lembra da sua existência, a partir do corpo que habita, portanto, necessita de um olhar mais sensível, permite com que as problemáticas que permeiam a instituição caminhem para uma resolução.

Trazendo esse contexto para a Educação Física, os professores e professoras não podem se deixar silenciar e negar aos seus alunos uma prática mais inclusiva, em que as falas e preconceitos anunciados por estes não ecoam e são tidas como desinteressantes, pois são essas que incorporam as suas vivências e práticas sociais que, conseqüentemente, irão refletir para além das paredes da instituição.

Surge, assim, a importância de um espaço nas aulas de Educação Física, disciplina que apresenta entre as suas potencialidades as discussões acerca do corpo - que está para além de uma máquina, sendo um corpo que vive, experimenta, recebe do outro no cotidiano, seja na família, escola, trabalho, clube ou rua, compõem a sua existência, um corpo que sente - ao qual o professor/professora deve, além de ter uma apropriação de conhecimento, estimular os alunos e alunas no processo de reflexão sobre a questão debatida.

Diante dessas questões, optamos por trazer a tecnologia como mecanismo capaz de contribuir e potencializar esse processo, tendo em vista que ela provoca um impacto

significativo na vida de cada estudante, gerando maior aproximação com essa geração que sempre teve a tela como “amiga”. Além da obra cinematográfica como uma nova possibilidade de linguagem, indo ao encontro a pedagogia dos multiletramentos, sendo essa uma outra possibilidade capaz de oportunizar maior entendimento e apuração da criticidade dos aprendentes.

Seguindo essa ideia, a pesquisa acredita que a arte, como um todo, e aqui o cinema de forma específica tem o poder de desestabilizar o que é tido como norma, expressando outras possibilidades para o corpo que sente e vive. O filme Alice Júnior (2019) é um exemplo dessa potência, nos permitindo discutir sobre os preconceitos que assolam o corpo trans dentro do ambiente escolar. Dessa maneira, a obra cinematográfica foi e é um importante artefato capaz de trazer à tona, de forma leve e bem-humorada, diversos preconceitos vividos pelo corpo trans no ambiente escolar, que chega a marcá-lo por toda vida e, até mesmo, impedir que este atinja os seus objetivos educacionais. A obra levanta discussões sobre os mais diversos questionamentos sociais sobre esse corpo, que vão desde o apoio da família, até qual banheiro deve ser utilizado.

Buscando materializar de forma sensível e humana as questões citadas anteriormente, além de auxiliar o professor ou professora de Educação Física nesse debate, a pesquisa elaborou uma proposta didática que pode ser adaptada para a realidade de cada docente - proposta didática dialógica – ela, por sua vez, não tem como objetivo ser um receituário que deve ser seguido à risca. Sendo assim, uma proposta aberta e dinâmica, que permite que as interações do processo de ensino-aprendizagem a guiem para um caminho de reflexão e problematização de cada situação.

A Educação Física pode e deve ser reinventada por professores (as) que se comprometam com a empreitada de lutar por uma área mais humana e sensível, em que os/as aprendentes se encontrem com o potencial de seus próprios corpos, corpos esses que são curiosos e criativos, qualidades estas que precisam ser estimuladas no ambiente educacional e fora dele (SANTANA, 2021. p. 246)

Dialogando com o autor, a pesquisa acredita que o professor é o grande responsável por mediar o processo de aprendizagem dos seus alunos e que esse, por sua vez, também é corporal. Pensando nisso, a proposta criada consiste em cinco momentos, ligados entre si, pela temática central do transexual. Em cada momento são utilizados textos, vídeos e/ou músicas, além do próprio filme Alice Júnior (2019) - elemento indispensável para o processo de elaboração – e cada um desses é apresentado a partir de um QR Code, que irá direcionar o leitor. Essa ideia corrobora a prerrogativa de utilização da tecnologia defendido pela pesquisa.

Nesse sentido, este estudo compreende que passos qualitativos foram dados, a partir dessa pesquisa sobre a temática, uma vez que a escassez de produções sobre o corpo trans e a sua relação com a Educação Física Escolar são tão escassas.

Partindo para as dificuldades de âmbito pessoal, podemos dizer que o processo de escrita baseada em uma relação sensível e dialógica, demandou uma leitura mais densa e de difícil entendimento, em que o cuidado precisou ser redobrado para que essa objeção não chegasse também ao leitor da pesquisa. Além disso, a dificuldade em encontrar dados e estudos que retratam a temática tornou o tempo de elaboração maior do que o esperado.

Por fim, outra questão que foi limitante e completamente de ordem pedagógica, pois não consegui executar a proposta didática na escola onde trabalho, por causa de prazos que precisavam ser cumpridos, o que dificultou alguns desdobramentos que poderiam ter surgido. No entanto, isso não impede que, em outro momento, essa intervenção surja como uma proposta de projeto de mestrado.

De forma singular, a pesquisadora é tocada pelo estudo por acreditar em uma Educação humana, que leva em consideração o sentir de cada aluno (a), Barbosa (2014, p. 169), afirma que ser professor (a) é “fazer parte da humanidade. E compartilhar dessa humanidade pressupõe a necessidade de comover-se com o drama alheio, colocar-se no lugar do outro na tentativa de melhor entender suas limitações e dificuldade”. Também foi possível desse mesmo lugar singular, repensar a minha prática e avivar o entendimento do porquê escolhi essa profissão.

REFERÊNCIAS

ALICE JÚNIOR. Direção: Gil Baroni. Produção de Andréa Tomeleri. Brasil: Pará, 2019. Netflix.

BRASIL É O PAÍS QUE MAIS MATA PESSOAS TRANS PELO 14º ANO CONSECUTIVO. O Globo. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/01/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans-pelo-14o-ano-consecutivo-diz-relatorio.ghtml>>. Acesso em: 20 de abr.2023.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** Tradução Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BARROSO, Lucas Bernardo; CARDOSO, W. R. S. O não lugar de pessoas trans no currículo da disciplina Educação Física em Escolas de Belém do Pará. **Belém: Iniciação Científica CESUMAR**, v. 20, n. 1, p. 17-30, 2018.

BATISTA, Alison Pereira. **Educação física e recursos educacionais digitais:** uma intervenção pedagógica no Ensino Médio Integrado do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. 2021.

BETTI, Mauro. Corpo, cultura, mídias e educação física: novas relações no mundo contemporâneo. **Lecturas – Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v. 10, n. 79, p. 1-9, dez. 2004.

PAPRO DE CINEMA. Biografia Gil Baroni. Papo de Cinema. 2016. Disponível em: <<https://www.papodecinema.com.br/artistas/gil-baroni/>> Acesso em: 20 de abr.2023.

BRAIT, B. Et la foret amazonienne se mit a parler français. In: Thirteenth International Mikhail Bakhtin Conference, 2012, London/Canadá. Dialogues with Bakhtinism Theory. Proceedings of the Thirteenth International Mikhail Bakhtin Conference. London/Ontario/Canada: **Mestengo Press**, 2012, v. 1, p.381-394.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 1996.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa.** Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, 2013.

BRASIL. PORTARIA Nº 2.803, DE 19 DE NOVEMBRO DE 2013. Redefine e amplia o Processo Transexualizador no Sistema Único de Saúde (SUS), Brasília, DF, nov 2013. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2803_19_11_2013.html>. Acesso em: 20 abr. 2023.

BRASILEIRO, L. T. et al. A cultura corporal como área de conhecimento da educação física. **Pensar a Prática**, v. 19, n. 4, 2016.

BUTLER, J., 2017. **Problemas de Gênero - Feminismo e a Subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

COSTA, Naiana Thaíssa Menezes; SILVA, Alan Camargo. Corpo e educação física escolar no ensino médio: a visão dos alunos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 36, 2016.

DA SILVA, Fernanda Azevedo Gomes [et al]. A educação física no ensino médio: um olhar sobre o corpo. **Movimento**, v. 21, n. 3, p. 673-685, 2015.

DOS SANTOS, Mariana Carvalho et al. O discurso de professores de educação física sobre atletas trans no esporte. **Diversidade e Educação**, v. 9, n. 2, p. 545-573, 2021.

ESTEACHE Cristina. **FILME DE GIL BARONI É SELECIONADO PARA FESTIVAL DE CINEMA DE BERLIM**. Disponível em <<https://redesuldenoticias.com.br/redemais/filme-de-gil-baroni-e-selecionado-para-festival-de-cinema-de-berlim/>>. Acesso em: 2 de abr. 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HALL, S. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. Educação e Realidade, Porto Alegre, n. 2, v. 22, p. 5, 1997.

JESUS, G. J. 2012, Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos Oliveira, Z. In: M. R. **Interações sociais e desenvolvimento: A perspectiva sociohistórica**. Caderno do CEDES, 20, 62-77, 2000.

KENNEDY, Natasha. Crianças transgênero: mais do que um desafio teórico. **Revista Cronos**, v. 11, n. 2, 2010.

PEREIRA, Rogério Santos et al. **Multiletramentos, tecnologias digitais e os lugares do corpo na educação**, 2014.

PITANGA, Filippo. **Entrevista com Gil Baroni no Festival de Cinema de Vitória**. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=SI2oBwa-TAY>> Acesso em: 20 de abr.2023.

RAMOS, Thays Anyelle Macêdo da Silva. **Corpos do afeto: ensaio sobre dança, estesiologia e educação**. 2017. 250f. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

REIDEL, Marina. **A pedagogia de salto alto: histórias de professoras travestis e transexuais na educação brasileira**. Dissertação de mestrado inédita, UFRGS, 2013.

ROJO, Roxane. **Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SANTANA, Daniel Batista et al. **Corpo, linguagens e multiletramentos: uma proposta didática dialógica para o ensino da dança nas aulas de educação física**, 2021.

SILVA, MONICA RIBEIRO DA. A BNCC da reforma do ensino médio: o resgate de um empoeirado discurso. **Educação em revista**, v. 34, 2018.

TRANSGENDER EUROPE'S TRANS MURDER MONITORING. Reported deaths of 816 murdered trans persons from january 2008 until december 2011 [Online, 2012a]. Disponível em <http://www.transrespect-transphobia.org/uploads/downloads/TMM/TvT-TMMTables2008-2011-en.pdf>. Acesso em: 22/11/2022

VOLOSHINOV, Valentin Nikolaevich; BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Discurso na vida e discurso na arte. **Sobre poética sociológica**, 1976.

ZAMBONI, M. Marcadores Sociais da Diferença. Sociologia: grandes temas do conhecimento. **Especial Desigualdades**. São Paulo, v. 1, p. 14-18, 2014.

ZIOTTI, Mariana; DOS SANTOS, Manoel Antônio. **O contexto escolar do aluno transexual.**